

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: A ESCASSEZ DE PROFESSORES PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS

Karla dos Santos Guterres Alves¹; Timóteo Gama da Silva²
e Ierecê Barbosa Monteiro³

RESUMO

A partir da constatação da problemática relativa à escassez de professores para o Ensino de Ciências, o texto propõe uma reflexão do tema tendo como base uma abordagem psicanalítica. Através de revisão bibliográfica, busca contribuir na compreensão subjetiva das causas que tem levado os jovens a não optarem pelo magistério. A aversão das novas gerações em relação à docência envolve tabus que desvalorizaram a profissão, vinculando-a a sofrimento e pobreza. A identidade docente tem sido despersonalizada subjetivamente e na formação docente não são abordados aspectos relacionados à psicanálise. O ensino de ciências tem priorizado a transmissão fragmentada e dogmática do conhecimento, não despertando o gozo, ou seja, o prazer em aprender, afastando os jovens da docência nesta área do conhecimento. A superação da falta de professores envolve a mudança de perspectivas no processo de ensino-aprendizagem de ciências, tornando-o dinâmico e prazeroso, a fim de que desperte o desejo de ser professor.

Palavras-chave: Psicanálise. Escassez de professores. Identidade docente. Ensino de Ciências.

ABSTRACT

Upon finding the problem on the shortage of teachers for the Teaching of Science, the text proposes a discussion of the topic based on a psychoanalytic approach. Through literature review, seeks to contribute to the subjective understanding of the causes that have led young people not to opt for teaching. The aversion of the new generations in relation to teaching involves taboos that devalued the profession, linking it to poverty and suffering. The identity has been teaching disidentified subjectively and teacher training are not addressed issues related to psychoanalysis. The teaching of science has prioritized the fragmented transmission of knowledge and dogmatic, not arousing the joy, or pleasure in learning, teaching young people from moving in this area of knowledge. Overcoming the shortage of teachers involves a change of perspective in the teaching-learning of science, making it dynamic and pleasurable, so that awakens the desire to be a teacher .

Key-words: Psychoanalysis. Shortage of Teacher. Teacher identity. Teaching Science.

¹Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA. E-mail: karlaguterres@gmail.com.br

²Aluno Especial do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: tim.gama@yahoo.com.br

³Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: imonteiro@uea.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A democratização do acesso a escola, ocorrido nas últimas décadas, e a ampliação do acesso ao Ensino Médio trouxe à tona a falta de profissionais habilitados nas áreas científicas que atendam a esta demanda. O jovem não tem demonstrado interesse pelo magistério, buscando como opção profissional áreas mais lucrativas e valorizadas socialmente. Contribuem para este quadro o elevado índice de evasão nos cursos de licenciatura nas áreas de ciências e, conforme a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) apud Ruiz et.al. (2007, p.14) “o Brasil corre sério risco de ficar sem professores de Ensino Médio na rede pública, na próxima década. [...] basta que se analise a relação entre número de ingressantes na profissão versus a perda de profissionais por aposentadoria ou baixa remuneração.” Políticas públicas têm sido adotadas para a superação do problema, porém, as causas subjetivas para o “não querer” ser professor de ciências ainda estão obscuras. A psicanálise aponta direcionamentos para a compreensão do repúdio a docência, relacionando-a ao gozo e a busca da felicidade, abordando ainda questões relacionadas à docência e seus aspectos ideológicos e identitários na representação social do professor.

Algumas alternativas para enfrentar o problema e evitar o agravamento da situação passam pela escola e pelas instituições formadoras, na busca de um redimensionamento do ensino e da formação docente em ciências no país.

2. A ESCASSEZ DE PROFESSORES

A educação brasileira passa por um momento extremamente delicado no que tange a escassez de professores de ciências. Chegou-se a cogitar a possibilidade de um “apagão do Ensino Médio”, devido à falta de profissionais habilitados para ministrar as disciplinas de cunho científico. Para Freud (1930, pág. 1): “Existem certos homens que não contam com

a admiração de seus contemporâneos, embora a grandeza deles repouse em atributos e realizações completamente estranhos aos objetivos e aos ideais da multidão”. Freud (1930, pág. 7) questiona:

O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. [...] Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; restrito, a palavra ‘felicidade’ só se relaciona a esses últimos.

Muitos jovens têm buscado caminhos que não levem a docência, pois a profissão não conta com a admiração e o status equivalente a grandeza de sua contribuição para a sociedade. Adorno (1995, p. 84), ao escrever sobre a aversão à docência pelas novas gerações destaca:

Muitos dos motivos dessa aversão são racionais [...] a antipatia pela regulamentação imposta pelos planos de ensino [...] Também intervêm motivos materiais: a idéia de que a docência é uma profissão de fome [...] as motivações subjetivas da aversão ao magistério e, essencialmente, as inconscientes. É o que entendo por tabus: representações inconscientes ou pré-conscientes dos candidatos a essa profissão [...] uma espécie de interdição psíquica que a expõe a dificuldade das quais, raras vezes, se tem uma idéia clara. Emprego, pois, o conceito de tabu num sentido de certa forma estrito, como a sedimentação coletiva de representações que [...] perderam em grande medida sua base real [...] mas que, como preconceitos psicológicos e sociais são, conservam-se tenazmente e reagem, por sua vez, sobre a realidade, transformando-se em forças reais.

Tabus vinculam o “ser professor” a condições inadequadas de ensino, violência nas escolas, ausência de motivação para a formação continuada, associado à falta de um plano de

carreira atraente, jornadas longas de trabalho, excesso de regulamentação, responsabilidades e pobreza. A atividade docente tem sido associada ao desprazer, despersonalizando-a e criando estereótipos que acarretam no desejo de “Não Ser” professor. A possibilidade de viver situações de conflito e dificuldade gera o tabu que tem transformado a profissão docente, não em sonho, mas em um pesadelo que muitos jovens não querem ter.

3. IDENTIDADE E FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Baseando-se em Adorno, percebe-se que existem profissões consideradas “elegantes” e que gozam de prestígio social inabalável e as “não elegantes”, geralmente ligadas ao caráter subalterno, com baixa remuneração. Adorno (1995, p.87), destaca que:

No sentido desta “imagerie”, o professor é herdeiro do escriba, do copista. O menosprezo por ele, como indiquei tem raízes feudais [...] mesclam o respeito pela independência do espírito e o fácil desprezo por quem não porta armas e, em qualquer momento, pode ser liquidado [...] O professor é herdeiro do monge; o ódio ou a ambivalência que despertava a profissão deste passam a ele [...] Vocês poderiam perguntar como tão arcaico tabu e tão arcaica ambivalência passaram precisamente ao professores, enquanto outras profissões, também intelectuais, ficaram isentas disso. [...] Juizes e funcionários de Estado possuem, por delegação, algum poder efetivo, enquanto que a consciência pública não leva a sério os dos professores, exercido sobre aqueles que não são sujeitos de pleno direito, ou seja, as crianças. Se leva a mal o poder do professor, é porque ele apenas constitui a paródia do poder real, desse poder que produz admiração.

A posição que o professor ocupa, não é um lugar fácil de sustentar, pois nele estão depositadas projeções alheias a ele enquanto pessoa,

mas outorgadas socialmente pelo inconsciente coletivo que determina o lugar a ele conferido. O docente é reduzido a um indivíduo concreto chamado “professor”, no entanto, sem perceber se o professor é uma pessoa ou um lugar no discurso coletivo.

A questão identitária do professor está comprometida subjetivamente, pois seu perfil, a forma de ensinar e se relacionar com seus alunos, de agir e sonhar são fruto de referenciais construídos ao longo de sua história pessoal e profissional. Se, enquanto estudante vivenciou situações de ensino-aprendizagem desmotivantes, passivas e reprodutoras, terá como tendência reproduzir suas experiências ou repudiá-las, procurando outra área de atuação. Para Mrech (2002) apud Lacan, o fenômeno do passado que se manifesta sob forma afetuosa ou hostil atualizado no presente, remetendo a uma nova estrutura do sujeito, transformando-se em sua realidade, sua verdade, é um processo de transferência. Este processo remete tanto ao passado quanto a construção do novo e tem origem inconsciente. Esta cadeia de significantes vai além do sujeito e se apresenta como verdade, o constituindo através da linguagem.

A identidade do professor não é oriunda da realidade concreta, mas é construída e referenciada pela fala do outro, que o constitui e legitima. Nesse contexto, o jovem não busca uma postura a imitar, mas um modelo, ou seja, o imago. Ao professor é atribuído um poder que o caracteriza diante da sala de aula, isto é, a autoridade do professor não é imposta ao aluno, mas outorgada ao professor pelo próprio aluno, na forma de seu inconsciente.

O professor, ao constituir-se enquanto autoridade na sala de aula considera-se o detentor de um saber que profetiza como eterno e perene, com isso infantiliza sua prática e se torna instrumento ideológico de coerção e conformismo. Para Adorno (1995, p. 94),

[...] eroticamente ele não conta muito; por outro, desempenha, no sonhador de quinze anos, por exemplo, um importante papel libidinoso.

Mas, geralmente, só como objeto inacessível; basta que se observe nele os mais leves impulsos de simpatia para ser difamado de injusto. A inacessibilidade associa-se à representação de um ser tendencialmente excluído da esfera erótica. Deste ponto de vista psicanalítico, esta ‘imagerie’ do professor leva à castração. [...] Esta imagem de quase castrado ou ao menos eroticamente neutralizado, não livremente desenvolvido, esta imagem de pessoas que não contam na competição erótica, corresponde ao infantilismo, real ou presumido do professor.

Nem sempre o professor age com justiça, apresentando dificuldades para separar o trabalho objetivo e o afeto pessoal. Em contrapartida, os alunos idealizam no professor a imagem paterna do Édipo superado, criando um ideal de ego que não corresponde à imagem estática e contraditória do professor. Para Adorno (1995, p. 99), “destas reflexões deduz-se, diretamente, diga-se de passagem, a necessidade de instrução psicanalítica e a formação de uma consciência profissional dos professores.” A presença da psicanálise nos cursos de formação docente ainda não é uma realidade, mas torna-se uma necessidade.

4. PSICANÁLISE, IDEOLOGIA E DOCÊNCIA

Raramente se privilegia a formação psicanalítica do professor, aspecto que deveria merecer especial atenção na formação. O professor pouco preparado para executar suas funções subjetivas irá ignorar o lugar outorgado a ele pelo inconsciente do aluno.

A representação do professor como um ser concreto, é muito mais ressaltada durante a formação inicial em detrimento de outros aspectos, ocultando-se conhecimentos relacionados à área da psicanálise que contribui com o docente na compreensão das necessidades subjetivas e comportamentos inconscientes infanto-juvenis. Segundo Oliveira (1994, p.32-33)

Há necessidade de iniciarmos a investigação das questões relacionadas a educação escolar tendo como base um novo paradigma, que traz para análise o universo simbólico, o universo imaginário instituído socialmente. O conjunto de crenças, mitos, sonhos, valores, aspirações que cada grupo carrega nas relações que estabelece nos diferentes lugares e espaços que ocupa caracteriza este universo imaginário.

A psicanálise não quer formar professores psicanalistas, ou criar uma nova pedagogia psicanalítica. Entretanto, é necessário que o professor tenha acesso a conhecimentos da psicanálise e seus fundamentos, a fim de capacitá-lo para lidar com as diversas situações encontradas em sala de aula e propiciar-lhe conhecimentos que o instrumentalize para lidar com suas próprias angústias, ansiedades e desejos.

As estruturas sociais tem se utilizado de cadeias de significantes que mitificam o fazer pedagógico, vinculando-o a um discurso ideológico de desvalorização do professor. Para Bourdieu (1988, p. 54-55)

As funções sociais são ficções sociais. E os ritos de instituição fazem aqueles que instituem como rei, cavaleiro, padre ou professor, forjando sua imagem social, condicionando a representação que ele pode e deve fazer-se enquanto pessoa moral, ou seja, enquanto plenipotenciário, mandatário ou porta-voz de um grupo. Mas também o fazem num outro sentido. Impondo-lhe um nome, um título, que o define, o institui, o constitui, o intima a tornar-se o que é, ou seja, o que ele tem que ser, obrigam-no a cumprir sua função, a entrar no jogo, na ficção.

O lugar determinado ideologicamente no discurso, a partir da cadeia dos significantes apresentados pela cultura, faz com que o professor não seja sujeito da linguagem que o identifica. Para Mrech (2002, p. 57): “Ele foi jogado aí, metido aí, ele está preso em sua engrenagem”. Como reflexo deste poder ideológico que descaracteriza a figura do docente é que, nos cursos de licenciatura, principalmente de áreas científicas, os professores em formação inicial

declaram que não querem ser professores, gerando com isso, a migração para outras áreas de atuação.

5. O ENSINO DE CIÊNCIAS

O ensino de ciências, na perspectiva do desenvolvimento de um novo espírito científico, requer do professor embasamento psicopedagógico e acadêmico, sustentados por considerações psicanalíticas. Baseando-se em Bachelard (2007), toda cultura científica deve começar por uma catarse intelectual e afetiva, em um estado de mobilização permanente, substituindo o saber fechado e estático, por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizado com as variáveis experimentais e oferecendo a razão, motivos para despertar o desejo de aprender ciências. Para Bachelard (2007, p. 13)

[...] psicanalisar o interesse, derrubar qualquer utilitarismo por mais disfarçado que seja, por mais elevado que se julgue [...] Talvez em nenhuma outra época o espírito científico tenha tido tanta necessidade de ser defendido quanto hoje, de ser ilustrado [...] Mas esta ilustração não se pode limitar à sublimação das diversas aspirações comuns. [...] O amor pela ciência deve ser um dinamismo psíquico autôgeno. No estado de pureza alcançado por uma psicanálise do conhecimento objetivo, a ciência é a estética da inteligência.

A ciência, transposta como saber escolar, tem se afastado da realidade e dos anseios dos jovens da atualidade, provocando desinteresse ao invés de curiosidade e amor pelo conhecimento científico.

O fascínio pela compreensão da natureza e a eterna busca de respostas as inúmeras dúvidas sobre o universo e a existência humana, bem como a produção de conhecimentos, procedimentos e valores fazem parte da trajetória do homem em toda a história da humanidade. Essa curiosidade natural vem sendo destruída pelos rituais burocráticos da escola e seus saberes lineares, estáticos e fragmentados. Fórmu-

las soltas e memorização de conceitos e classificações descontextualizadas desconsideram a dinamicidade e o caráter inacabado e relativo da ciência, tornando-a preterida pelos jovens.

Tanto a formação inicial quanto a formação continuada de professores deveriam propiciar condições para o desenvolvimento de competências e habilidades que capacitem os docentes na arte de “seduzir” seus alunos, gerando o desejo de “desnudar”, ou seja, desvendar a ciência.

Para Alves (2004, p.101), “a ciência, assim, pode ser descrita como um strip-tease da realidade por meio de palavras”. Revelar o encantamento da ciência, livre dos dogmas que a cristalizam e obstaculizam a busca da verdade torna-se essencial. Como destaca Alves (2004, 97):

A ciência é coisa linda, deliciosa, lugar do conhecimento, eu não poderia viver sem ela. Mas, como a maçã, ela tem um poder enfeitiçante. À medida que dá conhecimento de um lado, ela retira do outro. Volto a Manuel de Barros: “A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiã, mas não pode medir seus encantos.”

O encanto que a ciência deve provocar jamais deverá esconder os aspectos históricos, políticos, ideológicos e sociais que a constituem. Cada sujeito representa simbolicamente, em seu inconsciente, uma cadeia de signos e símbolos que, sem depender de regras formais ou categorias conceituais, possibilitam a apropriação do mundo através da ciência. Só haverá “encantamento” com o conhecimento científico se ele for apreendido através da linguagem e alimentado pelas representações, dando-lhe significado.

Para potencializar alternativas que “enfeiticem” os estudantes com a magia da ciência é preciso envolver a linguagem científica em uma cadeia de significantes que ultrapassem o consciente, lhes atribuindo um novo significado e gerando o desejo de aprender-ensinar ciências.

6. CONCLUSÕES

A estruturação da formação docente para o ensino de ciências, na atualidade, tem se constituído sob um novo enfoque, considerando rupturas epistemológicas e paradigmáticas ocorridas no séc. XX.

Nesta perspectiva, a superação da escassez de professores para o ensino de ciências perpassa pela compreensão da necessidade de abordar uma área de conhecimento pouco explorada na formação docente: a psicanálise.

Esquecido ou mesmo ignorado, o olhar psicanalítico sobre a educação possibilitará o aprofundamento do conhecimento subjetivo, tanto do aluno quanto do professor. Utilizando todo o arcabouço de reflexões que instrumentalizam a transformação das práticas escolares adotadas até então, a psicanálise viabiliza a mudança nas estruturas educativas e na construção de saberes científico-escolares que despertem interesse, curiosidade e desejo.

O surgimento de uma porta de saída para o fim do déficit docente, particularmente nas áreas científicas envolve a criação de novas estratégias para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas, ultrapassando a fronteira da mesmice e da falta de perspectivas para a docência, estabelecida até então. A busca do “gozo científico” nas escolas pode ser um, dos muitos caminhos da educação em ciências que levem ao desejo de “SER PROFESSOR”.

7. REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. *Tabus que pairam sobre a profissão de ensinar*. In: _____. Palavras e Sinais. Petrópolis: Vozes, 1995.

ALVES, R. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 12. Ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: Contribuições para uma psicanáli-*

se do conhecimento. Tradução Estela dos Santos Abreu. 7. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

BOURDIEU, P. *Lições de Aula: Aula inaugural proferida no College de France em 23 de abril de 1982*. Tradução Egon de Oliveira Rangel. São Paulo: Ática, 1988.

FREUD, S. *O mal estar na civilização (1930)*. Volume XXI. Acesso em: www.epol.dk3.com, 17 de novembro de 2008, às 08h45min.

MRECH, L. *Psicanálise e educação: Novos operadores de leitura*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

OLIVEIRA, V. *Imaginário social e a educação: uma aproximação necessária*. Revista Educação Subjetividade & Poder. Vol. 2. Ijuí: Unijuí/NESPE-UFRGS, 1995.

RUIZ, A.I., RAMOS, M.N.; HINGEL, M. *Escassez de professores no Ensino Médio: Propostas estruturais e emergenciais*. MEC/CNE/CEB: Brasília, 2007.